

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DA REGIÃO DOS VINHEDOS – CARVI
ÁREA DO CONHECIMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE COMÉRCIO INTERNACIONAL

JÚLIA MOREIRA MELLO

**DESAFIOS E OPORTUNIDADES PARA A IMPLEMENTAÇÃO DO INGLÊS
COMO MEIO DE INSTRUÇÃO (EMI) EM UNIVERSIDADES BRASILEIRAS**

BENTO GONÇALVES

2024

JÚLIA MOREIRA MELLO

**DESAFIOS E OPORTUNIDADES PARA A IMPLEMENTAÇÃO DO INGLÊS
COMO MEIO DE INSTRUÇÃO (EMI) EM UNIVERSIDADES BRASILEIRAS**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Curso de Comércio Internacional da Universidade de Caxias do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comércio Internacional.

Orientador TCC I e II: Prof. Ma. Simone Fonseca de Andrade Klein

BENTO GONÇALVES

2024

JÚLIA MOREIRA MELLO

**DESAFIOS E OPORTUNIDADES PARA A IMPLEMENTAÇÃO DO INGLÊS
COMO MEIO DE INSTRUÇÃO (EMI) EM UNIVERSIDADES BRASILEIRAS**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Curso de Comércio Internacional da Universidade de Caxias do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comércio Internacional.

Orientador TCC I e II: Prof. Ma. Simone Fonseca de Andrade Klein

Aprovado(a) em 27/06/2024

Banca Examinadora:

Orientador Prof.^a Ma. Simone Fonseca de Andrade Klein
Universidade de Caxias do Sul – UCS

Prof. Dr. Guilherme Bergmann Borges Vieira
Universidade de Caxias do Sul – UCS

Prof.^a Ma. Rosimeri Machado
Universidade de Caxias do Sul – UCS

BENTO GONÇALVES

2024

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha família, meu pai Eloir e minha mãe Lucinda, por me apoiarem a vida toda, principalmente durante a graduação, sempre me incentivando a ser a minha melhor versão e acreditando no meu potencial. Mãe, agradeço por ser esse exemplo de força, dedicação e zelo, por entender o meu cansaço e fazer o possível para facilitar meu dia a dia de estudante. Pai, agradeço pelo esforço e pelas renúncias feitas para eu pudesse chegar até aqui, por se fazer presente em todos os momentos e por ser esse exemplo de pessoa para todo mundo que passa pelo teu caminho.

A minha querida Estela, por estar comigo nessa montanha-russa que é a entrega do trabalho de conclusão, por tornar a vida mais leve e divertida, por me acalmar em muitos momentos de tensão e, principalmente, por se fazer presente nessa etapa da minha vida, meu mais sincero obrigada.

Agradeço a todos os professores, colegas e funcionários da universidade que estiveram ao meu lado durante a graduação, por contribuírem para o meu conhecimento, por me ajudarem a ver e pensar fora da bolha e por ajudarem a me certificar de que eu estava no caminho certo.

Por último, mas não menos importante, agradeço a minha orientadora Prof.^a Simone Fonseca de Andrade Klein, por me ajudar desde o princípio durante as aulas e no trabalho de conclusão, pelos *insights*, pelas risadas, pelo companheirismo e profissionalismo que tornaram nossas orientações tão leves.

RESUMO

O EMI (inglês como meio de instrução, do inglês *English as a Medium of Instruction*) vem se tornando uma tendência global ao longo dos anos devido à crescente importância da língua inglesa dentro do contexto acadêmico e profissional. O presente estudo objetiva identificar os principais desafios e oportunidades para a implementação do EMI em universidades brasileiras. Para atingir o objetivo proposto, uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório foi aplicada por meio de entrevistas com pesquisadores, professores e gestores de universidades que têm contato com a prática do EMI, a fim de analisar quais as dificuldades e demandas para a adoção do EMI dentro das salas de aula, bem como identificar as oportunidades, desafios e possíveis impactos que a implementação tem para as universidades. Os resultados apontaram que, apesar de ainda incipiente em termos de avanços no Brasil, o EMI abre muitas portas para o desenvolvimento tanto de alunos quanto de professores envolvidos, além de trazer benefícios para as instituições de ensino superior, como a captação de alunos e atratividade internacional. Foi possível identificar, também, que é necessário que haja apoio das universidades e gestores tanto em termos financeiros, como para incentivar e capacitar os ministrantes.

Palavras-chave: Inglês como meio de instrução. EMI. Inglês como língua estrangeira. Internacionalização do ensino superior.

ABSTRACT

EMI (English as a Medium of Instruction) has become a global trend over the years due to the growing importance of the English language within academic and professional contexts. The present study aims to identify the main challenges and opportunities for implementing EMI in Brazilian universities. To achieve the proposed objective, qualitative research of an exploratory nature was applied through interviews with researchers, professors and university managers who have contact with the practice of EMI, to analyze the difficulties and demands for adopting EMI within classrooms, as well as identifying the opportunities, challenges, and possible impacts that the implementation has within universities. The results showed that, despite still being in its infancy in terms of progress in Brazil, EMI opens many doors for the development of both the students and teachers involved, in addition to bringing benefits to the institutions, such as attracting students, as well as international attractiveness. It was also possible to identify that there is a need for support from universities and managers, both in financial terms and to encourage and train the professors.

Keywords: English as a medium of Instruction. EMI. English as a foreign language. Internationalization of higher education.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Cursos de EMI ofertados em 2017 e 2018, com projeção de 2019	19
FIGURA 2 – Resumo dos resultados da pesquisa	43

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Fundamentação teórica	25
Quadro 2 – Resumo da metodologia	30
Quadro 3 – Resumo do perfil dos entrevistados	31
Quadro 4 – Análise das percepções quanto à importância da língua inglesa no contexto do EMI	33
Quadro 5 – Principais oportunidades da aplicação do EMI em universidades brasileiras	35
Quadro 6 – Principais desafios para a aplicação do EMI em universidades brasileiras	38
Quadro 7 – Resumo dos Resultados	41

LISTA DE SIGLAS

CCHN	Centro de Ciências Humanas e Naturais
CsF	Ciência sem Fronteiras
DLCE	Departamento de Linguagens, Cultura e Educação
DLL	Departamento de Línguas e Letras
ELF	English as Lingua Franca
EMI	English as a Medium of Instruction
PPGE	Programa de Pós-Graduação em Educação
UCS	Universidade de Caxias do Sul
UFES	Universidade Federal do Espírito Santo

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
1.1. DELIMITAÇÃO DO TEMA E DEFINIÇÃO DO PROBLEMA.....	13
1.2. OBJETIVO GERAL	13
1.3. OBJETIVOS ESPECÍFICOS	13
1.4. JUSTIFICATIVA	14
2. REFERENCIAL TEÓRICO	15
2.1. A INTERNACIONALIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR.....	15
2.2. O INGLÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA	16
2.3. EMI – INGLÊS COMO MEIO DE INSTRUÇÃO	17
2.4. OS DESAFIOS E OPORTUNIDADES DO EMI.....	19
2.4.1. Desafios do EMI	19
2.4.2. Oportunidades do EMI.....	22
2.5 SÍNTESE DO EMBASAMENTO TEÓRICO CONCEITUAL	24
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	25
3.1. DELINEAMENTO	25
3.1.1. Natureza	25
3.1.2. Níveis.....	26
3.1.3. Estratégias.....	26
3.2. PARTICIPANTES DO ESTUDO	27
3.3. PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	28
3.4. PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS.....	28
3.5. SÍNTESE DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	29
4. ANÁLISE DOS DADOS	30
4.1. O INGLÊS NO CONTEXTO DE EMI.....	30
4.2. OPORTUNIDADES DA APLICAÇÃO DO EMI.....	33
4.3. DIFICULDADES PARA A ADOÇÃO DO EMI.....	34
4.4. IMPACTOS E TENDÊNCIAS DA IMPLEMENTAÇÃO DO EMI	38

5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	40
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS.....	46
APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA	51

1. INTRODUÇÃO

O inglês como meio de instrução- tradução de *English as a Medium of Instruction* ou *English Medium Instruction* (EMI)- é considerado um dos principais mecanismos para a internacionalização de universidades em todo o mundo. O EMI ocorre quando cursos não linguísticos, por exemplo, medicina, física ou ciências políticas, são ministrados em inglês, para alunos onde se trata de uma língua estrangeira (Hellekjær, 2010).

Embora haja crescimento nos cursos de EMI oferecidos no Brasil, o número de cursos oferecidos ainda é modesto. Martinez (2016) utiliza a metáfora de que se o EMI fosse uma piscina onde muitos países mergulharam de cabeça, a maioria das universidades no Brasil ainda mal “molhou os pés” nela.

O presente estudo trabalha com a revisão de literatura e pesquisas feitas em torno da implementação do EMI no ensino superior em universidades brasileiras e visa identificar as principais oportunidades e dificuldades enfrentadas em instituições que trabalham com o inglês como meio de instrução em suas salas de aula. Em complemento e em linha com o andamento da pesquisa, pretendeu-se aprofundar o conhecimento quanto à percepção das universidades e professores em volta do assunto, bem como seu nível de aceitação dentro do contexto nacional.

Com o intuito de atingir esses objetivos, o trabalho foi estruturado em seis capítulos, tendo início pela presente introdução. No segundo capítulo, apresenta-se o referencial teórico que aborda cada enfoque do tema a partir de pontos pertinentes ao objetivo.

O terceiro capítulo detalha o método de coleta e análise de dados empregado na elaboração do trabalho. Sequencialmente, o quarto capítulo contempla as análises e resultados obtidos com a pesquisa, e o quinto capítulo traz uma discussão relacionando a literatura com os pontos observados nas entrevistas. Por fim, no sexto capítulo, estão contempladas as considerações finais do estudo, trazendo implicações e sugestões relacionadas ao referencial teórico e destacando os principais pontos na avaliação da implementação das teorias estudadas, abrindo assim espaço para pesquisas futuras.

1.1. DELIMITAÇÃO DO TEMA E DEFINIÇÃO DO PROBLEMA

A língua inglesa é considerada a língua franca do mundo dos negócios e uma habilidade essencial para o sucesso profissional em muitas áreas (CRYSTAL, 2018). Apesar disso, segundo levantamento da *British Council* (2015), o número de brasileiros que estão expostos à língua é apenas de 43.294.580, representando 21,28% da população total. Essa exposição acontece de diversas maneiras, predominando a educação formal, tanto no setor público quanto no privado, escolas de idiomas e intercâmbios culturais.

A baixa taxa de fluência em inglês entre os brasileiros salienta a importância de promover o desenvolvimento linguístico e investir em programas de capacitação, buscando maneiras de incentivar o aprendizado do idioma.

Estudo recente revela que universidades brasileiras estão incorporando a oferta de aulas em inglês como parte de estratégias de internacionalização (GIMENEZ *et al.*, 2018). Galloway (2020) revela que são muitos os desafios enfrentados nesse processo, como as questões linguísticas, o quão preparados os professores e alunos se sentem, o grau de apoio institucional, dentre outros. Em contrapartida, há muitas oportunidades e benefícios que essas estratégias podem trazer tanto às instituições de ensino, quanto para seus estudantes.

Perante as considerações feitas até então, e o crescimento pelo interesse no inglês como meio de instrução (EMI - *English as a medium of instruction*), levanta-se o problema de pesquisa: quais são os desafios e oportunidades para a implementação do EMI em universidades brasileiras?

1.2. OBJETIVO GERAL

O objetivo geral desse trabalho é identificar os principais desafios e oportunidades para a implementação do EMI em universidades brasileiras.

1.3. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

A partir do objetivo geral, a pesquisa será estruturada com base nos seguintes objetivos específicos:

- a) Analisar a percepção dos entrevistados quanto à importância da língua inglesa para a carreira de alunos de ensino superior no Brasil;
- b) Identificar as oportunidades que a aplicação do EMI proporciona para as universidades e futuros profissionais;
- c) Verificar quais seriam as principais dificuldades ou demandas para adotar o EMI dentro das salas de aula;
- d) Analisar os possíveis impactos que a implementação do EMI pode ter nas universidades.

1.4. JUSTIFICATIVA

São muitos os motivos para a adoção de um processo de internacionalização no ensino superior. Para Jacinto (2022), em termos curriculares, esse processo é importante porque promove experiências de interação com o 'outro', além de reconstruir a dinâmica educacional, trazendo para os processos de ensino/aprendizagem a dúvida seguida da investigação pela aquisição de novos saberes.

À medida que o Inglês como Meio de Instrução (EMI) continua a se expandir em todo o mundo, "há uma ausência gritante de pesquisas sobre avaliação em contextos de EMI" (HULTGREN et al., 2021, p. 105). No Brasil, há muito que ainda não é conhecido sobre os efeitos do EMI, dando brecha para oportunidades de contribuição, trazendo aspectos e questões internas que podem ser exploradas para melhor entender esse "trem imparável" (MACARO, 2015, p.7) e contribuir com a sua implementação em mais universidades brasileiras.

Uma revisão de literatura feita por Macaro *et al.* (2017) revelou grande número de estudos sobre crenças e atitudes, não permitindo tirar conclusões sobre a pertinência de se adotar essa prática ou não.

Em que pese ser, o presente trabalho, de natureza qualitativa e exploratória, o mesmo visa discorrer sobre a implementação do inglês como meio de instrução (EMI) dentro das universidades e seu impacto, além de ratificar a importância do aprendizado da língua para o desenvolvimento dos alunos e futuros profissionais.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

O presente capítulo aborda temas teóricos relevantes para o estudo do Inglês como Meio de Instrução. Inicialmente, traz reflexões sobre internacionalização do ensino superior, o papel do inglês como língua estrangeira e posteriormente sobre as oportunidades e desafios que a implementação do EMI pode trazer tanto para as universidades, como para alunos e docentes.

2.1. A INTERNACIONALIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR

A internacionalização sempre esteve presente no meio acadêmico, desde o estudo de pesquisas em outros idiomas até a mobilidade de estudantes e professores. Nas últimas três décadas, houve uma mudança substancial na internacionalização das universidades, em resposta ou como agente das forças e oportunidades da globalização (Knight 2018), como a formação de um mercado educativo global, a emergência do multiculturalismo (e da interculturalidade) e a intensificação da concorrência no campo da investigação científica e tecnológica (Neves e Barbosa, 2020).

De acordo com o *British Council* (2018), a mobilidade acadêmica é uma parte importante do processo de internacionalização, incentivando estudantes, professores e investigadores a adquirir competências e experiência trabalhando noutros países e participando em colaborações internacionais. Todavia, no Brasil, por mais abrangentes que sejam os programas de mobilidade, eles se dedicam a uma parcela muito pequena de universitários brasileiros devido, dentre outros aspectos, à desigualdade de oportunidades.

A título de exemplo, o programa Ciência sem Fronteiras (CsF), maior programa já existente de mobilidade de graduação no país, ofereceu pouco mais de 73.000 bolsas para graduação sanduíche no período entre 2011 e 2015. No ano de 2015, havia 8.027.297 estudantes em cursos de graduação no Brasil (Inep, 2015), ou seja, o programa atingiu menos de 1% do total dos alunos das áreas específicas de participação.

Nesse contexto, o processo conhecido como “Internacionalização em Casa” (IaH- *internalization at home*) mostra-se como uma alternativa inclusa para internacionalizar o ensino superior. Como ressalta Knight (2018, p.99-118):

A importância das estratégias de internacionalização “em casa” está a crescer. Ou seja, a internacionalização é vista atualmente não apenas como mobilidade acadêmica, mas, principalmente, como um processo que requer o desenvolvimento e monitoramento de estratégias que irão proliferar em diferentes quadros institucionais.

Ainda para Knight (2018), entre os aspectos da internacionalização que acontecem “em casa”, destacam-se as dimensões interculturais e internacionais incorporadas nos modos de ensino e aprendizagem, nas atividades extracurriculares, além das diferentes formas de integração de estudantes e professores estrangeiros em vida acadêmica local.

2.2. O INGLÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA

As línguas estrangeiras desempenham um papel fundamental no desenvolvimento da internacionalização em casa, como meio para que estudantes e funcionários tenham acesso a atividades internacionais em ambientes locais, especialmente quando as oportunidades de ir para o estrangeiro são escassas (Guimarães, 2020).

A língua inglesa pode ser vista tanto como a consequência como o principal meio linguístico dos processos de globalização, uma vez que se tornou uma língua franca em uma escala a nível mundial em resposta à globalização, mas também a globalização em grande escala depende, em partes, da emergência de uma língua franca globalmente difusa (Jenkins, Cogo e Dewey, 2011; and Jenkins, 2014).

O inglês como língua franca (ELF, *english as lingua franca*), ou seja, a língua comum escolhida entre falantes que vêm de diferentes origens linguísticas e culturais, emergiu de um cenário mundial há mais de 40 anos e tornou-se um campo de investigação (Cogo, 2015).

Segundo Lopes e Baumgartner (2019), a Língua Franca não precisa necessariamente ser baseada nas normas linguísticas e socioculturais dos nativos em inglês, já que, em princípio, é neutra em relação aos diferentes contextos culturais dos

interlocutores, cujas identidades e atitudes não têm de acomodar a cultura inglesa ou anglo-americana.

A forma como o inglês é usado como língua franca depende da situação específica de uso. Paradowski (2013) explica que, de modo geral, as interações ELF concentram-se na função e não na forma. Em outras palavras, a eficiência comunicativa (ou seja, transmitir a mensagem) é mais importante do que a correção gramatical, desde que a gramática seja suficientemente boa para que a mensagem seja inteligível.

Conforme Pati (2017), profissionais que dominam uma segunda língua possuem uma remuneração entre 50% e 60% superior aos profissionais monolíngues, respaldando a ênfase em relação a línguas estrangeiras evidenciada nos currículos profissionais e reforçando a importância do inglês também no mercado de trabalho.

2.3. EMI – INGLÊS COMO MEIO DE INSTRUÇÃO

Um número crescente de instituições de ensino superior em países não anglófonos (ou seja, que não falam inglês) optou por oferecer cursos em inglês, a fim de ampliar seu apelo internacional para atrair estudantes/pesquisadores de diversas origens para seus campi (Dowle, 2016; Moore e Finardi, 2019).

O ensino de conteúdos através do inglês em universidades não é um fenômeno novo, porém conforme Wächter e Maiworm (2014), com o passar dos anos, entre 2002 e 2014, só a Europa registrou uma taxa de crescimento de quase 1.000% nos cursos de EMI, com cerca de 8.000 programas.

O inglês como meio de instrução passou a ser usado na Europa a partir do Processo de Bolonha (1999), que objetivava estabelecer padrões para o ensino superior europeu através da padronização dos diplomas das universidades, para facilitar a mobilidade acadêmica entre universidades e transferência de créditos cursados em países diferentes.

Martinez (2016), no entanto, menciona que os primeiros exemplos de EMI têm as suas raízes na colonização ou na influência estrangeira direta, como no caso da criação do primeiro programa de EMI no Japão (Universidade Sofia de Tóquio)

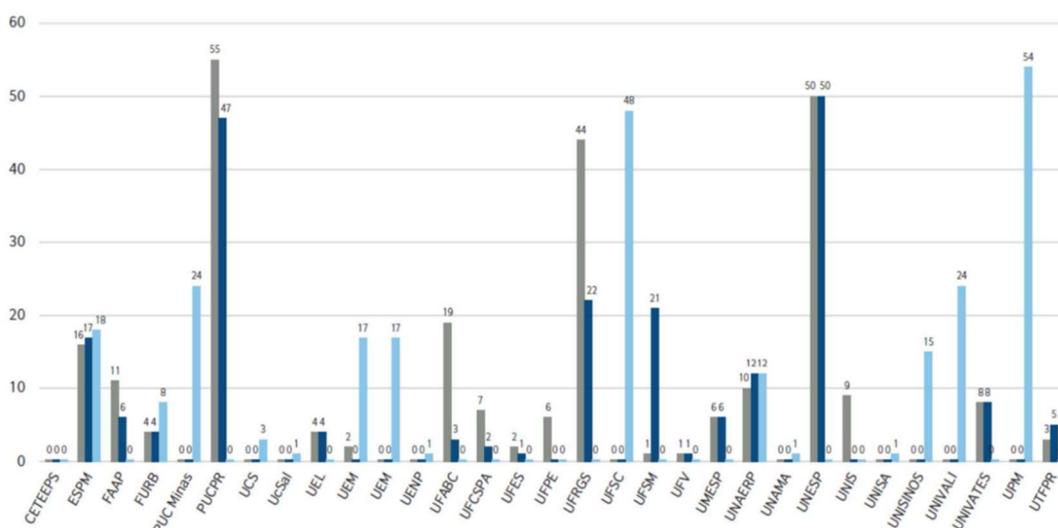
fundado em 1913 por jesuítas alemães e na China (Universidade de Hong Kong) fundado em 1911 pelo governador britânico Sir Frederick Lugard.

Há poucos registros de cursos ensinados em inglês no Brasil antes de 2010. Ainda para Martinez (2016, p. 200), “a partir de 2014, houve uma relativa onda de esforços apoiados institucionalmente para tornar o IME uma parte mais pública e significativa dos currículos universitários em todo o Brasil, mesmo no nível de graduação.” No Brasil, em 2016, ocorreram cursos sobre EMI ministrados pelo *British Council* e um curso de treinamento oferecido em parceria pela Universidade de *Oxford* e pela Universidade Federal do Paraná (Baumvol e Sarmiento, 2016, p.74).

Como sugere Munõz (2012), apesar do foco do EMI ser o conteúdo como objeto de ensino, o maior uso da língua ajuda, de maneira indireta, ao progresso de seus participantes em sua proficiência linguística. Logo, os alunos e professores têm a oportunidade de participar de práticas autênticas que podem conduzir a melhorias em suas proficiências para diferentes fins, como trocas com parceiros internacionais, participação de eventos acadêmicos, intercâmbios, dentre outros.

Atualmente, o EMI é ofertado em instituições de ensino por todo o país, especialmente as que visam a internacionalização de seus currículos, ou que recebem grande fluxo de estudantes internacionais.

Figura 1: Cursos de EMI ofertados em 2017 e 2018, com projeção de 2019



O gráfico acima, elaborado por Gimenez *et al.* (2018), informa que:

a oferta de cursos de graduação ministrados em inglês nos anos de 2017 e 2018 com visão prospectiva para 2019. Nele, é possível perceber que algumas universidades foram mais bem sucedidas quanto à introdução do EMI, mas a projeção de 2019 mostra a tendência de crescimento (Gimenez *et al.* 2018, p.23).

2.4. OS DESAFIOS E OPORTUNIDADES DO EMI

Apesar de cada história de implementação ser única, devido a complexidades como as de âmbito social, linguístico e institucional das universidades brasileiras, é possível observar uma série de elementos que, com frequência, ocorrem com a oferta do EMI no ensino superior. Estes elementos serão tratados com enfoque no tópico 2.4.1.

Após a revisão de variados referenciais bibliográficos, constatou-se na obra de Martinez (2016) um elencar de tópicos significativos para a observação de desafios e oportunidades da implementação do EMI dentro das universidades. Deste modo, essa etapa do trabalho estará alicerçada, sobretudo, nos estudos de Ron Martinez e sua obra "*English as Medium of Instruction (EMI) In Brazilian Higher Education: Challenges and Opportunities*" de 2016, publicado em K. R. Finardi (Ed.), *English in Brazil: views, policies and programs* (p. 191-228).

2.4.1. Desafios do EMI

2.4.1.1. Desafios linguísticos

De acordo com Bradford (2016), os desafios linguísticos são aqueles relacionados a questões linguísticas enfrentadas tanto por professores quanto por alunos envolvidos em programas de EMI quando trabalham em um idioma não nativo (p.341).

Uma das maiores preocupações ao implementar o EMI nas universidades é que não haja uma proficiência adequada em inglês. Estas questões costumam ocorrer em países não-anglófonos ou em universidades internacionais devido às dificuldades que alunos têm em compreender o sotaque de professores não nativos com o inglês, gerando uma dificuldade em entender o conteúdo ministrado ou de seguir a linha de

pensamento do palestrante, com dificuldade de tomar notas, conforme descrito por Hellekjaer (2010, p.23).

Além das apreensões relativas a níveis inadequados de proficiência (Wilkinson, 2013) e questões relacionadas à autopercepção de proficiência inadequada (Wächter 2008; Huang 2015), Macaro (2022) cita que uma das grandes dificuldades que os alunos do EMI referem frequentemente é a compreensão e aprendizagem das palavras técnicas durante as aulas.

Já para os professores no Brasil, a “heterogeneidade” na habilidade linguística, ou seja, as diferenças em níveis de proficiência entre os alunos, é a maior preocupação, de acordo com Wächter e Maiworm (2014). Os autores citam que o corpo docente apresenta dificuldades em lidar com essa diversidade entre os estudantes, além do seu domínio da própria língua.

Os professores precisarão estar preparados para lidar com tal disparidades, porém a questão é tratada de forma mais eficaz através de uma pedagogia apropriada, como no planejamento cuidadoso e estruturação das aulas e falas, do que apenas do ensino de línguas corretivo de curto prazo (Macaro, 2016).

2.4.1.2. Desafios culturais

Os desafios culturais dizem respeito a conflitos entre as características de estudantes nas aulas do EMI, tanto os brasileiros quanto os internacionais que podem ocasionalmente participar dos cursos ofertados. Incluem o estilo de interação entre professores e alunos e alunos entre si, como citado por Bradford (2016) e Kim, Tatar e Choi (2014) em exemplos onde alunos estrangeiros da Grã-Bretanha, acostumados a interagir entre si e com os professores, estranham a dinâmica das aulas em universidades do Japão e Coreia, onde as interações são mais limitadas.

Além disso, há o medo de criar uma “elite da língua inglesa” em detrimento das línguas e da cultura locais, como citado por Molino e Campagna (2014, p.155) na Itália, por exemplo, onde temia-se “a criação de uma elite anglófona em detrimento da língua e cultura italiana, que são os pilares da nossa mais rica e invejável tradição e identidade intelectual”.

No Brasil, onde o EMI ainda é relativamente novo, são poucas as universidades onde há a presença de alunos internacionais participando dos cursos. Deste modo, “por enquanto e no futuro imediato parece improvável que o tipo de fricção cultural que surgiu em lugares como o Japão relacionadas à dinâmica da sala de aula ocorrerá com grande frequência (Martinez 2016, p.105)”.

Quanto à ameaça percebida à herança cultural em contexto de EMI, Kuteeva e Airey (2014, p. 547) citam que é importante evitar abordagens do tipo “tamanho único” dentro das salas de aula no Brasil, ou seja, abordagens que prometem se adequar a todos ou para todos, observando lições ao redor do mundo como nos exemplos de Hong Kong e Itália, que ensinam que “abordagens sensíveis ao contexto” ao invés da implementação subtrativa (ou seja, insistir apenas no inglês) parecem aumentar a probabilidade de sustentabilidade do EMI.

2.4.1.3. Desafios estruturais

Os desafios estruturais se relacionam à falta de cursos de EMI coerentes em todos os currículos e com a falta de pessoal de apoio suficientemente qualificado para trabalhar com diversos participantes (Bradford, 2016).

Tsuyenoshi (2005), em sua descrição original, relaciona os desafios estruturais no EMI com a coerência programática global e incluía questões relacionadas a um “número insuficiente de cursos de EMI” e “equipe de apoio incapaz de trabalhar com populações diversas” (Bradford, 2016, p. 4).

O recrutamento de docentes para o EMI pode ser uma tarefa difícil, mesmo em instituições onde há docentes disponíveis e linguisticamente capacitados, porque não significa que esses docentes estejam dispostos a utilizar o EMI (Vinke, Snippe e Jochems, 1998). Essa falta de disponibilidade pode ser explicada pelos níveis elevados de proficiência exigidos para docentes e estudantes, a falta de incentivos financeiros ou até mesmo a falta de confiança (Byun *et al.*, 2011).

Em pesquisa realizada por Martinez (2016) em universidades brasileiras, destaca-se a PUC-PR, uma das primeiras a adotar a política do EMI, começando em 2011 com a visão de se tornar uma universidade totalmente globalizada até 2020. Segundo relato do autor, a universidade não sofreu impacto perceptível em grande

escala, resistência entre funcionários ou estudantes porque a sua introdução foi bem apoiada pela instituição, que incentivaram financeiramente os professores que ofereciam cursos de EMI, os alunos não foram obrigados a demonstrar proficiência linguística específica e, para não existir exclusão, muitas vezes os mesmos cursos possuíam versões em inglês ou português.

2.4.1.4. Desafios institucionais

Bradford (2016, p.12) relaciona os desafios institucionais (ou de identidade) do EMI em noções de "como o programa é percebido de fora" e "a identidade do programa de meio inglês, os membros do corpo docente que ensinam no programa e os alunos matriculados". Há uma preocupação sobre a identidade institucional em todas as universidades, principalmente referente a como ela é percebida pelo restante do mundo, porém essas preocupações são mais crescentes em universidades que desejam se internacionalizar.

Quando se diz respeito especificamente ao corpo docente do ensino superior, Soren (2013) sugere que o EMI pode afetar a identidade profissional dos professores porque ter de ensinar em inglês pode nunca ter feito parte de suas carreiras, e essa necessidade imposta pode implicar a percepção de uma ameaça a essa identidade. Isto reflete em um número de docentes de EMI que sentiram a necessidade de ajustar a sua pedagogia, expressando muitas vezes um desejo de mais formação de professores em vez de mais formação linguística (Aguilar, 2015; Helm e Guarda, 2015).

No entanto, Wilkinson (2013) relata que uma das maiores ameaças ao EMI seja a "guetização" (p.20) entre os estudantes. Martinez (2019) diz em sua obra que, no Brasil, tal perspectiva é improvável porque atualmente o EMI ainda é não difundido em grande escala, e para a formação de um "gueto" seria necessária uma instituição social muito mais profunda, como uma graduação completa.

2.4.2. Oportunidades do EMI

Os principais propósitos do EMI são atrair estudantes internacionais, preparar os alunos do país para o mercado de trabalho global e elevar o perfil da instituição (DOIZ; LASAGABASTER; SIERRA, 2011, p. 347).

Apesar da preocupação de que a tendência para o EMI tenha acelerado sem uma reflexão suficiente sobre os desafios dos processos de implementação (BRADFORD, 2016), o Brasil tem a oportunidade de aprender com as experiências de outros países, uma vez que o EMI ainda está nos estágios iniciais de implementação nas instituições brasileiras (Ramos, 2018).

O país possui uma faixa de diversidade que permite a implementação em diversos contextos sociais e culturais, contribuindo com o impulsionamento de uma agenda de pesquisa que ajude a informar as decisões e o desenvolvimento do EMI e facilitar seu impulsionamento.

Há cada vez mais provas de que o EMI ajuda a contribuir para uma espécie de “internacionalização em casa” (Beelen; Jones, 2015) e pode ter um efeito positivo na motivação dos estudantes (Lasagabaster, 2015). Os benefícios se estendem também ao corpo de docentes, já que há evidências de que o EMI pode promover um tipo de prática reflexiva e, portanto, pode melhorar a pedagogia desses profissionais (Martinez, Fogaça e Figueiredo, 2015).

Dalton Puffer (2011) e Yang (2015) também explicam em suas obras que o EMI ajuda a melhorar a competência em inglês dos alunos, além de promover a mobilidade e a empregabilidade desses estudantes (Wächter e Maiworm, 2014).

Em um estudo realizado pelo *British Council* (2014) em 55 países, entre eles o Brasil, são citadas diversas razões para a implementação do EMI em instituições de ensino superior. Dentre os motivos apontados, cita-se o fato de os administradores considerarem que o EMI é um excelente mecanismo para a internacionalização da sua oferta de educação, assim como é uma excelente forma para criar oportunidades para que seus alunos façam parte de uma comunidade global tanto acadêmica quanto de negócios.

O estudo também cita que o EMI é uma forma rápida para aumentar a mobilidade internacional e para garantir que seus alunos possam competir no mercado mundial. Para os professores, o ensino por meio da língua inglesa pode melhorar a comunicação e a troca de ideias, além de criar relações entre os países. Desta forma, segundo eles, o objetivo maior seria facilitar a paz mundial.

Além destes objetivos mais amplos, os professores também citam que o EMI é uma forma de abrir portas para seus alunos e atrair estrangeiros para suas universidades para que possam compartilhar conhecimentos de forma mais extensa.

2.5 SÍNTESE DO EMBASAMENTO TEÓRICO CONCEITUAL

Diante do objetivo geral do trabalho, abaixo encontra-se o embasamento teórico conceitual com o resumo da fundamentação teórica, resumindo os assuntos abordados, como os principais autores abordados e seus devidos enfoques.

Quadro 1 – Fundamentação teórica

TEMA	ENFOQUE	DEFINIÇÃO SINTETIZADA	AUTOR (ES)
INTERNACIONALIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR	Internacionalização em casa	Línguas estrangeiras utilizadas como meio de acesso a atividades internacionais em ambiente local.	Guimarães, 2020
		Processo que requer o desenvolvimento e monitoramento de estratégias que irão proliferar em diferentes quadros institucionais, não apenas a mobilidade acadêmica.	Knight, 2018
INGLÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA	Inglês como língua franca	Língua comum entre falantes de diferentes origens. concentram-se na função, não na forma	COGO, 2015; Lopes e Baumgartner, 2019; Paradowski, 2013
EMI – INGLÊS COMO MEIO DE INSTRUÇÃO	Contextualização do EMI	Início da utilização do EMI e difusão para países onde o inglês não é a língua nativa.	Munõz, 2012; Martinez, 2016; Gimenez et al, 2018
DESAFIOS E OPORTUNIDADES	Desafios	Desafios linguísticos, culturais, estruturais e institucionais.	Martinez, 2016 Bradford, 2016
	Oportunidades	Aprender com outros países, melhora pedagógica dos docentes, maior desenvolvimento das competências de inglês aos estudantes.	Ramos, 2018; Wächter e Maiworm, 2014; Beelen e Jones, 2015

Fonte: elaborado pela autora (2024).

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente capítulo apresenta os procedimentos metodológicos utilizados pela autora da pesquisa, que auxiliaram para o alcance dos objetivos propostos neste trabalho. Nesta seção, serão apresentados: o tipo de pesquisa, a natureza do estudo, a estratégia utilizada, bem como os procedimentos referentes à coleta e à análise dos dados.

3.1. DELINEAMENTO

No delineamento definem-se os métodos utilizados para o estudo da pesquisa, classificando-os quanto à sua natureza, objetivos e estratégia. De acordo com GIL (2002, p.17), a pesquisa é desenvolvida mediante o concurso dos conhecimentos disponíveis e a utilização cuidadosa de métodos, técnicas e outros procedimentos científicos.

Para Marconi e Lakatos (2007), delinear a pesquisa é estabelecer limites para a investigação. A pesquisa pode ser limitada em relação ao assunto, à extensão ou uma série de outros fatores que podem restringir o seu campo de ação.

Ainda para Marconi e Lakatos (2007), a especificação da metodologia da pesquisa é a que abrange o maior número de itens, pois responde, a um só tempo as perguntas: Como? Com quê? Onde? Quando?

3.1.1. Natureza

A natureza deste trabalho é qualitativa, a qual, de acordo com Fonseca (2002), explora aspectos da realidade que não podem ser quantificados, ou seja, concentra-se em compreender a explicação da dinâmica das relações sociais.

Minayo (2001), destaca que uma pergunta importante que deve ser feita ao realizar uma pesquisa qualitativa é: "quais indivíduos sociais têm uma vinculação mais significativa para o problema a ser investigado?". Neste caso, uma amostragem será eficiente quando conseguir abranger a totalidade do problema investigado em suas mais diversas dimensões.

Ainda para Minayo (2001, p.7), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo dos processos e fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

3.1.2. Níveis

As pesquisas podem ser classificadas como exploratórias, descritivas ou explicativas. O presente trabalho enquadra-se em uma pesquisa de nível exploratório, que de acordo com Ciribelli (2003), proporciona maiores informações sobre o tema que o pesquisador pretende abordar, ajuda a delimitar seus objetivos e formular suas hipóteses, informando que a pesquisa pode ser feita através de documentos, bibliografias, entrevistas e observações.

Diehl e Tatim (2004, p.54) complementam que a pesquisa exploratória busca trazer entendimento ao problema trabalhado, envolvendo levantamento bibliográfico, a realização de entrevistas com pessoas que possuem experiência prática com o problema pesquisado e a análise de exemplos que estimulem a compreensão.

Já para Bastos (2009), a pesquisa exploratória é o início de todo trabalho científico e busca ampliar o número de informações sobre determinado ponto que se quer investigar, trazendo dados que possam ampliar a percepção sobre o assunto em pauta.

A pesquisa em questão foi desenvolvida no nível exploratório para conseguir analisar a visão de profissionais que trabalham com o EMI sobre o andamento dos programas dentro das universidades brasileiras e investigar seus possíveis impactos.

3.1.3. Estratégias

O trabalho utiliza-se da pesquisa bibliográfica, que segundo Macedo (1995, p.13):

Trata-se do primeiro passo em qualquer tipo de pesquisa científica, com o fim de revisar a literatura existente e não redundar o tema de estudo ou experimentação. A "revisão bibliográfica" ou "revisão de literatura" consiste numa espécie de "varredura" do que existe sobre um assunto e o conhecimento dos autores que tratam desse assunto, a fim de que o estudioso não "reinvente a roda".

Fernandez e Berni (2012) destacam que a pesquisa bibliográfica proporciona um contato com aquilo que está sendo discutido nas diversas áreas do conhecimento, e contribui para garantia científica de um trabalho. Também se faz presente em qualquer trabalho monográfico uma vez que, por seu intermédio, busca conhecer o que existe de mais relevante sobre um tema pesquisado.

Ainda, se utilizou da estratégia do estudo qualitativo básico ou genérico que, de acordo com Merriam (1998), são aqueles que contém algumas características da pesquisa qualitativa, mas não são estudos de caso intensivo; simplesmente buscam descobrir e compreender fenômenos, processos, ou a perspectiva de visão de mundo das pessoas envolvidas.

3.2. PARTICIPANTES DO ESTUDO

Segundo Sampieri, Collado e Lucio (2013), para fazer a seleção de uma amostra, é preciso definir a unidade de análise (que podem ser indivíduos, organizações, comunidades, situações, eventos, entre outros.) após a definição desta unidade de análise, é então definida a população da pesquisa.

Para a coleta de informações, a pesquisa foi realizada com pessoas de instituições que já trabalham ou tenham contato com o EMI nas universidades, para entender como os cursos funcionam na prática, qual o andamento da implementação em universidades brasileiras e as percepções de dificuldades e oportunidades que a implementação virá a trazer.

Os sujeitos participantes da pesquisa foram escolhidos intencionalmente, a fim de que a escuta deles possa fornecer subsídios para desenvolver a investigação e tecer conhecimentos sobre a temática do tema abordado.

Os entrevistados escolhidos foram, preferencialmente, professores e/ou coordenadores que trabalhem em universidades brasileiras com oferta de EMI em seus currículos, ou que pretendam fazer a implementação em curto ou médio prazo. Ainda, idealmente, tentou-se contato com pesquisadores com interesse e entendimento no assunto, a fim de conseguir respostas estruturadas e maior conhecimento na literatura disponível até então.

3.3. PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

A coleta de dados foi realizada através de entrevistas semiestruturadas aplicadas aos sujeitos de pesquisa, tendo em vista a riqueza de narrativas que são identificadas através das mesmas.

Realizadas no mês de abril de 2024, as entrevistas tiveram duração média de 30 minutos e ocorreram de acordo com a disponibilidade de agenda dos entrevistados, tendo como base o roteiro de questões pré-estruturado. A plataforma escolhida para realização das entrevistas foi o *Google Meet*, que conta com ferramentas de gravação e transcrição que facilitaram o posterior processo de análise de dados (todos os entrevistados autorizaram previamente a gravação das conversas).

O roteiro de questões, disponível no Apêndice A, conta com nove perguntas e originou-se do referencial teórico e serviu de guia para as entrevistas, tendo em vista os objetivos específicos. Todas as conversas ocorreram de forma fluída e aberta, a fim de obter respostas com maior profundidade e detalhamento por parte do entrevistado trazendo maior enriquecimento de conteúdo para as análises realizadas posteriormente.

Objetivou-se, portanto, conseguir por meio das entrevistas informações relevantes quanto ao cenário de implementação do EMI nas universidades brasileiras, a percepção dos entrevistados quanto aos impactos e oportunidades provenientes dessa implementação, bem como verificar as dificuldades e/ou demandas para adotar o EMI dentro das salas de aula.

3.4. PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS

Com a realização das entrevistas, objetivou-se a coleta de dados que foram analisados pela técnica de análise textual discursiva que, segundo Moraes (2003, p.202), “pode ser caracterizada como uma metodologia na qual, a partir de um conjunto de textos ou documentos, produz-se um metatexto, descrevendo e interpretando sentidos e significados que o analista constrói ou elabora a partir do referido corpus.”

As respostas dadas pelos entrevistados da pesquisa foram verificadas mediante a análise textual discursiva e de conteúdo (Bardin e Vergara, 2011), com o objetivo de analisar o conteúdo dos discursos dos participantes da investigação. Ainda segundo Moraes (2003, p.209), a análise textual qualitativa pode ser compreendida como um processo auto-organizado de construção de novos significados em relação a determinados objetos de estudo, a partir de materiais textuais referentes a esses fenômenos.

Desta forma, a análise possibilitou a construção de novos conhecimentos através da compreensão do fenômeno estudado por meio da interpretação dos sujeitos envolvidos na investigação. O roteiro utilizado para as entrevistas encontra-se no Apêndice A.

3.5. SÍNTESE DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção apresenta-se o Quadro 2, resumindo a metodologia empregada nesta pesquisa.

Quadro 2 – Resumo da metodologia

Delineamento			Participantes	Processo de coleta	Processo de análise
Natureza	Nível	Estratégia			
Qualitativo	Exploratório	Pesquisa bibliográfica	Pesquisadores, professores e/ou coordenadores que trabalham/trabalharam em universidades brasileiras com oferta de EMI em seus currículos.	Entrevistas semiestruturadas aplicadas aos sujeitos de pesquisa via <i>Google Meet</i> .	Análise textual discursiva e de conteúdo.

Fonte: elaborado pela autora (2024).

4. ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, são realizadas as análises e discussões dos resultados coletados, através da transcrição integral das entrevistas semiestruturadas e a categorização de acordo com os assuntos abordados.

Foram entrevistados cinco profissionais que atendiam aos requisitos pré-estabelecidos para a realização das entrevistas. Dentre os cinco profissionais, todos atuam ou já atuaram como professores universitários, trabalham atualmente como pesquisadores de EMI ou áreas complementares ao tema ou são coordenadores de algum curso dentro de suas universidades.

No quadro 3, é possível observar o resumo do perfil dos entrevistados.

Quadro 3 – Resumo do perfil dos entrevistados

ENTREVISTADO	E1	E2	E3	E4	E5
Gênero	Feminino	Feminino	Feminino	Feminino	Masculino
Universidade	UFRGS	UCS	UCS	UFES	UFES
Experiência com EMI	Aula de estágios em inglês, pesquisadora de EMI e formação para professores em áreas do tema.	Coordenadora do Centro de Línguas na UCS, aulas em inglês e pesquisadora de EMI.	Professora do curso de Letras na UCS, pesquisadora.	Professora associada e pesquisadora no DLCE e no PPGE da UFES.	Professor do magistério superior na UFES/CCHN/DLL. Pesquisador de EMI.

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Para preservar o anonimato dos participantes da pesquisa, eles foram identificados com a letra “E” acrescido de um numeral referente a ordem das entrevistas.

4.1. O INGLÊS NO CONTEXTO DE EMI

Segundo a entrevistada E3, há muitas pesquisas e dados que demonstram aumentos em termos de ganhos salariais para alunos que têm conhecimento em outra língua, principalmente inglês e espanhol. Muitas empresas preferem empregar alguém que ainda não tenha terminado sua graduação, porém que já tenha um bom conhecimento da língua inglesa, porque entendem ser mais fácil ensinar o dia a dia do trabalho do que o conhecimento da língua, já que é um processo mais lento.

No entanto, as entrevistadas E3 e E4 entendem que as vantagens de ter o inglês como segunda língua não é apenas uma questão de mercado de trabalho. Ele também abre portas para o acesso à informação, possibilitando a leitura de artigos, palestras e materiais online que, muitas vezes, não são disponibilizadas com legendas ou traduções para o português.

A entrevistada E1 entende que o inglês deveria ser tratado como uma matéria obrigatória, assim como o português e a matemática. Ela cita que, apesar de que outras línguas também tenham importância, o inglês atualmente tem um status diferente e todo mundo deveria saber ao menos o básico. Ainda, E1 complementa:

A língua inglesa juntamente com o EMI pode ajudar os universitários que não têm recursos para viajar e participar de congressos na sua própria área, por exemplo. É mediante a isso que os alunos conseguem ter mais exposição à língua, contato com o vocabulário específico e ao tipo de linguagem de suas áreas.

E2 comenta que há várias pesquisas que questionam se o nível de inglês dos alunos realmente melhora depois de fazer disciplinas em inglês. A resposta depende do contexto e do nível inicial de cada aluno, porém como cita a entrevistada E1, com disciplinas de EMI é possível melhorar a compreensão de tópicos técnicos como terminologias e fraseologias específicas da área estudada. A entrevistada E3 complementa que pode, ainda, proporcionar aos alunos uma melhor habilidade de argumentação no momento de justificar suas respostas em apresentações, por exemplo.

Muitos alunos têm o contato inicial com o inglês durante a escola, onde a abordagem é mais gramatical. No entanto, E1 comenta que essa abordagem costuma não funcionar, porque o aluno fica aprendendo o “*verbo to be*” continuamente, enquanto poderiam estar lendo textos e construindo uma leitura forte. Ela cita também que, no Brasil, o estudo de línguas é uma questão de classe social e que é preciso lutar para transformar essa situação.

Além disso, tanto E1 como E5 exploram a ideia de que o EMI pode ser trabalhado como uma questão de gradação, onde o ensino não precisa ser totalmente em inglês ou em português. E1 cita que geralmente cursos como Física, Astrologia ou Biologia costumam ter artigos em inglês desde o primeiro semestre, o que expõe os alunos à língua gradativamente, ajudando no entendimento e fluência.

Seguindo essa linha, a entrevistada E3 comenta que o inglês pode ser utilizado aos poucos para ir conscientizando os alunos da língua. E4 cita exemplos como ir utilizando o inglês em pedaços das disciplinas, partes específicas ou em aulas esporádicas.

Ainda, E5 traz à tona um estudo feito por VALCKE e KREMER (2014), uma revisão bibliográfica sobre o EMI onde os autores apontam algumas questões que devem ser levadas em conta durante as aulas, como em quais momentos a língua estrangeira deve ser utilizada: se durante as aulas, antes das aulas para interagir com os alunos socialmente, depois das aulas para esclarecer dúvidas ou em momentos de prova.

Essas questões são de extrema importância quando se pensa em adotar o EMI dentro das salas de aula para que a experiência dos alunos sempre seja positiva. E4 explica que há estudos que mostram que, dependendo de alguns fatores como a dificuldade das matérias, a fluência do professor ou o nível inicial de inglês dos alunos podem prejudicar o entendimento das matérias que são ministradas em inglês.

Na linguística aplicada, de acordo com E4, há um fenômeno chamado de “fossilização”, que é onde se grava, consolida ou fossiliza um erro quando se aprende a falar com alguém que tem um vocabulário incorreto ou que não tem um nível de proficiência bom. Nesses casos, é preciso tomar cuidado com o “como” o conteúdo será apresentado para os alunos, para que a mensagem sempre chegue de uma maneira clara.

O Quadro 4 abaixo apresenta a síntese das oportunidades mencionadas pelos entrevistados.

QUADRO 4 – Análise das percepções quanto à importância da língua inglesa no contexto do EMI.

FATORES	E1	E2	E3	E4	E5
Aumento salarial			X		
Acesso à informação			X	X	
Oportunidades na área de estudo/trabalho	X				
Melhora na compreensão de tópicos técnicos da área estudada	X				
Fluência gradativa				X	X

Fonte: elaborado pela autora (2024)

4.2. OPORTUNIDADES DA APLICAÇÃO DO EMI

O entrevistado E5 diz que ao ofertar uma disciplina em inglês, dois vieses podem ser seguidos: tanto preparar brasileiros que futuramente queiram estudar no exterior, como tornar a universidade mais atrativa para quem é estrangeiro e vem para o Brasil. Complementando, E4 comenta que a atratividade para pessoas de outros países é uma grande oportunidade para a implementação do EMI nas universidades brasileiras, por se tratar de um diferencial.

E2 explica que as aulas em EMI permitem fazer o intercâmbio da língua sem necessariamente precisar sair do país, já que os alunos conseguem aprimorar os conteúdos específicos da sua área enquanto ao mesmo tempo treinam o ouvido, a gramática e o vocabulário.

Quanto à atratividade, E1 e E4 mencionam que, no Brasil, hoje há pouca captação de alunos estrangeiros que tem o Inglês como primeira língua. A maioria dos alunos intercambistas vêm de países vizinhos da América Latina, onde se fala espanhol, e da África, especificamente de países falantes de português.

A oferta de cursos de EMI possibilita receber alunos de outros países, como já acontece em cursos como a Astronomia, onde a maior grade de matérias é em inglês. Com isso, há alunos de vários lugares do mundo, como Índia, Paquistão e Rússia, que vêm para o Brasil justamente porque o curso é, total ou parcialmente, em inglês. Esse cenário não seria possível caso essas matérias fossem ofertadas exclusivamente em português, de acordo com a entrevistada E4.

E3 ainda comenta que o EMI permite incluir as instituições no rol de universidades internacionalizadas, além de dar maior oportunidade para os alunos conseguirem interagir com a língua e fazer um mestrado, doutorado ou pesquisa fora do país, por exemplo.

A Universidade de Caxias do Sul, instituição das entrevistadas E2 e E3, possui um foco maior na internacionalização e com isso possui convênios com diversas universidades fora do Brasil, de diversos lugares do mundo, além de receberem alunos estrangeiros dessas universidades parceiras. Porém, para que haja a

consolidação e aumento de procura de alunos, tanto brasileiros quanto estrangeiros, é necessário a melhora na oferta de disciplinas ministradas na língua inglesa.

Nesse sentido, E2 e E3 comentam que em sua universidade, para incentivar os professores a terem interesse em ofertar aulas em EMI, há uma série de benefícios oferecidos, como a possibilidade de estudar/aprimorar o inglês gratuitamente no centro de Línguas, além da oferta de um curso voltado para a história do EMI, exemplos sobre práticas que já estão acontecendo em outras universidades ao redor do mundo, estratégias para as aulas etc.

Com esses incentivos, E2 expõe que, de 15 inscritos em 2023 passaram para 38 em 2024, o que evidencia que com o incentivo das universidades, é possível encontrar diversos professores e alunos interessados em se comprometer e sair das suas zonas de conforto ao integrar o EMI em suas vidas acadêmicas.

O Quadro 5 abaixo apresenta a síntese das oportunidades mencionadas pelos entrevistados.

QUADRO 5 – Principais oportunidades da aplicação do EMI em universidades brasileiras.

FATORES	E1	E2	E3	E4	E5
Intercâmbio de alunos				X	X
Prática da língua e aquisição do conteúdo em outro idioma		X			
Atratividade internacional	X		X	X	
Capacitação de professores e alunos		X	X		

Fonte: elaborado pela autora (2024)

4.3. DIFICULDADES PARA A ADOÇÃO DO EMI

Todos os entrevistados comentam que a falta de apoio linguístico ou de conteúdo para os professores é um grande desafio para a adoção do EMI dentro das universidades. E4 e E5 explicam que os professores são treinados para dar os seus conteúdos e não necessariamente tem instrução suficiente na língua para poder adaptar suas aulas para o inglês. O mesmo acontece com professores de línguas, onde há o conhecimento do inglês, porém não sobre o conteúdo a ser ministrado, caso sejam matérias de áreas específicas.

As entrevistadas E2 e E3 entendem que é necessário um preparo dos professores. E2 complementa:

Não é apenas entrar na sala de aula e sair falando inglês que vai estar tudo lindo e maravilhoso, não. Precisa de todo um preparo, primeiro eles precisam estar seguros na língua inglesa, mas isso não significa que os professores têm que ser falantes próximos do nativo, níveis C1 ou C2. Um professor que fala o nível B2, por exemplo, pode muito bem dar conta de uma aula, porque ele pode utilizar o vocabulário dentro do seu limite, da sua pronúncia, falando um pouco mais devagar, mas ainda assim dando conta de transmitir seu conteúdo e garantir que os alunos estejam atentos às questões linguísticas também.

E2 ainda explica que é muito importante que os professores entendam as abordagens a serem escolhidas dependendo do nível de conhecimento de inglês de cada turma. Ao abordar sobre a capacitação sobre EMI, E3 explica que “esse curso (EMI) abre espaço para os professores trocarem experiências e verificarem que cada turma é uma turma, e mesmo dando a mesma disciplina para o mesmo nível, a aula vai sair diferente”.

Também, a entrevistada E1 levanta os seguintes pontos sobre os desafios para implementar o EMI:

Não são todos os alunos que estão preparados ou querem ter essa aula em inglês, ou professores preparados e dispostos. Então tem a questão da proficiência da língua. Às vezes, dependendo da instituição, tem uma questão burocrática.

A entrevistada E3 completa, dizendo que é importante que os professores e alunos vão compartilhando suas experiências e dificuldades para poder auxiliar outros professores e alunos que estejam passando pelos mesmos desafios.

A entrevistada E4 traz o dado de que, apenas desde 2017, o inglês é uma matéria obrigatória no currículo escolar, por isso é possível que os alunos de cursos superiores não tenham proficiência em línguas estrangeiras, especificamente o inglês, já que até pouco tempo atrás não era uma exigência da educação básica. Ela continua:

A gente ainda tem uma deficiência muito grande em termos assim de as políticas de educação básica, educação superior, o que é exigido em um nível, o que é exigido no outro. É absolutamente possível alguém chegar até a pós-graduação hoje em dia sem saber inglês ou outros idiomas.

Ainda, a entrevistada E4 expõe que, como professora, além da falta de apoio institucional, um grande desafio para implementar o EMI é a falta de reconhecimento.

Ela explica que não se refere ao reconhecimento salarial, mas sobre a falta de ter essas aulas reconhecidas na carreira.

E4 explica que há resistência da comunidade local da universidade em aceitar a prática das aulas em EMI. Ela comenta:

Os professores também se sentem um pouco sobrecarregados, né? Porque, além de ofertar a disciplina em português, eles teriam que ofertar em inglês, se for uma disciplina obrigatória. Geralmente, a legislação fala que por ser uma disciplina obrigatória, não pode ser ofertada apenas em inglês, porque alguém do seu público pode não saber a língua e entendem isso como um fator que impeça as pessoas de frequentar (as aulas). Então onde a gente mais vê (aulas em EMI) é em matérias optativas ou em pós-graduação, onde é mais flexível o currículo.

E5 complementa dizendo que ainda há pouco incentivo para ofertar o EMI dentro das universidades e recebem-se críticas de alguns docentes.

Primeiro que não tem retorno financeiro, depois não tem diminuição de carga horária, então se acaba trabalhando mais e recebendo o mesmo salário. E dentro mesmo da instituição, às vezes você tem resistência burocrática. As pessoas não entendem o que é ofertar o EMI, não aceitam porque muitos não têm interesse também, né? “Ah, meu colega está ofertando EMI, daqui a pouco eu vou ter que ofertar também e é mais trabalho para mim”.

E5 traz como exemplo algumas iniciativas que a Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) teve em 2015 a 2017 com parceria com o *British Council*, quando, a cada ano, um treinador ia até a universidade por cerca de 4 dias para capacitar os professores que tinham interesse em ofertar suas matérias em inglês. Porém, ele explica:

É bem curto, né? Três ou quatro dias não é o suficiente. Mas pelo menos (o treinador) indicava os caminhos iniciais que os professores deveriam adotar, se quisessem transformar sua disciplina em EMI. Então a gente tem esses vários atores aí na hora de decidir por ofertar ou não. A gente tem que pensar nos vários lados, se a instituição vai ter conselho ou condições de abarcar esses anseios.

Ademais, E1 menciona que o grau de internacionalização das universidades brasileiras ainda é muito baixo, principalmente na área de Humanas no Brasil, onde grande parte das publicações é em português. Ela explica que, na área de Exatas e da Saúde, existem mais publicações na língua inglesa, porém o Brasil é uma ilha linguística, onde o português é muito forte e há falta da necessidade real e instantânea de introduzir o inglês nas universidades:

Porque as pessoas olham para o lado e todo mundo fala português. E muita gente consegue bons empregos sem falar inglês, né? Mas eu acho que o país

perde muito com isso, porque é um conhecimento muito importante, até para acadêmicos que meio que se recusam, às vezes, a entrar num mundo que acontece em inglês. O Brasil fica de fora de discussões importantes por causa disso.

E1 conclui que, como temos poucos alunos estrangeiros no Brasil, as universidades não se vêm obrigadas a dar aulas em inglês, diferente do que acontece em universidades da Europa, por exemplo. Por esse motivo, é importante que haja o estímulo das instituições de promover mais atividades em inglês para que os alunos tenham efetivamente acesso à língua.

A entrevistada E4 levanta a ideia de que a implementação do EMI é mais fácil quando se trata de instituições privadas, principalmente fora do Brasil. Ela explica que as universidades públicas do Brasil não dependem de financiamento de alunos, ou seja, eles não precisam pagar mensalidade, diferente das universidades privadas:

Das quase 3.000 instituições de ensino superior que a gente tem no Brasil, 88% são privadas. Ou seja, a gente tem 12% só de instituições públicas. O que quer dizer que o mercado interno é tão confortável para as universidades particulares no Brasil que elas não precisam nem buscar mensalidade lá fora.

Fora do Brasil é muito importante oferecer EMI porque as instituições querem receber alunos internacionais, que pagam a mensalidade. Então a oferta de EMI das instituições é proporcional à necessidade e dependência que eles têm de mensalidade do aluno Internacional, cita E4.

Por outro lado, E5 explica que as universidades privadas podem utilizar do EMI como um diferencial para atrair alunos, tanto brasileiros como estrangeiros. Além disso, em instituições privadas há uma maior flexibilidade para gerir recursos, diferente do setor público, onde há uma série de regras que podem limitar a aplicação dos mesmos.

O Quadro 6 abaixo apresenta a síntese dos desafios mencionados pelos entrevistados.

QUADRO 6 – Principais desafios para a aplicação do EMI em universidades brasileiras.

FATORES	E1	E2	E3	E4	E5
Fluência dos professores	X	X	X	X	X
Fluência dos alunos	X	X	X	X	X
Falta de apoio institucional	X			X	X
Burocracia	X				X

Resistência dos professores e universidades					X
Falta da necessidade real e instantânea	X				

Fonte: elaborado pela autora (2024)

4.4. IMPACTOS E TENDÊNCIAS DA IMPLEMENTAÇÃO DO EMI

A entrevistada E1 expõe que, no seu ponto de vista, o EMI no Brasil ainda é muito incipiente, não por ter começado a pouco tempo, mas porque ainda não há muito desenvolvimento, principalmente na área de Humanas.

Ela continua dizendo que internacionalmente o EMI é bastante consolidado, principalmente pelo fato de as universidades quererem alunos estrangeiros porque a mensalidade é mais alta do que a dos alunos locais. E1 ainda completa que, em países estrangeiros, principalmente na Europa, há o medo de ter perda da língua nacional:

Se pegarmos uma língua minoritária que nem o Flemish na Bélgica ou o próprio Holandês, quem é que vai conseguir ter proficiência nessa língua para poder estudar na Holanda? Quase ninguém. Mas lá já tem um entendimento de que atrair pessoas de outros países também é uma forma de inclusão, né? E vai incluir através do inglês. Claro que tem os riscos de perda da língua nacional, mas isso no Brasil é impossível. O português é muito forte, o português não está ameaçado de forma alguma.

Já a entrevistada E4 considera que, enquanto o sistema educacional do Brasil continuar estruturado da mesma forma, vai continuar havendo um déficit na educação, porque não existe uma articulação ou uma responsabilidade entre todos os níveis que garanta, por exemplo, que o investimento seja na educação linguística, da educação básica até chegar na superior.

Não vejo as universidades públicas ofertando um maior número de turmas em EMI porque elas não precisam disso, já para as universidades privadas, o mercado doméstico se torna cada vez mais confortável, por isso também não vejo. Talvez lá fora acabe aumentando a oferta de EMI, até para receber alunos estrangeiros, mas no Brasil enquanto a gente continuar com o sistema educacional que a gente tem é difícil, não vejo que aumente muito não.

E5 acredita que o futuro do EMI no Brasil dependerá de questões financeiras e de quanto cada instituição vai querer investir nessa área:

Se a gente tiver iniciativas como eu já comentei aqui do *British Council*, isso ajudaria bastante. Porque eu não vejo uma oferta recorrente de cursos de capacitação para professores, então há uma lacuna que precisa ser trabalhada. Até para quem é das áreas de Linguagens ou de outras áreas aproveitar esse mercado que está em aberto.

Complementando esse pensamento, a entrevistada E1 explica que, nos seus seis anos estudando EMI, o que geralmente acontece é acontecer ações muito pontuais, geralmente baseadas em algum professor que queira levar a iniciativa a diante. Porém, com a falta de adesão, matérias acontecem em dois ou três semestres e depois não se conseguem mais alunos.

Por outro lado, as entrevistadas E2 e E3 possuem um ponto de vista mais otimista. Elas explicam que veem um aumento na oferta de EMI, porque quando se fala na conscientização de alunos e professores, também é preciso conscientizar gestores, para que eles entendam a importância da língua inglesa e ofereçam opções, tanto de formação de professores, quanto para chamar atenção dos alunos da universidade.

5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, são discutidos os principais resultados obtidos a partir das entrevistas, estabelecendo uma comparação com a literatura, a fim de analisar e compreender as maiores oportunidades e desafios para a implementação do EMI em universidades brasileiras. Para dar início à discussão dos resultados, o Quadro 7 foi elaborado com base nas respostas fornecidas pelos entrevistados, seguindo a ordem das categorias apresentadas no capítulo anterior.

Quadro 7 – Resumo dos Resultados

CATEGORIAS	RESPOSTAS
O INGLÊS NO CONTEXTO DE EMI	Oportunidade de aumento salarial, acesso à informação e oportunidades na área de estudo e trabalho, melhora na compreensão de tópicos técnicos da área estudada e fluência gradativa.
OPORTUNIDADES DA APLICAÇÃO DO EMI	Intercâmbio de alunos, prática da língua e aquisição do conteúdo em outro idioma, atratividade internacional para a instituição e capacitação de professores e alunos.
DIFICULDADES PARA A APLICAÇÃO DO EMI	Fluência dos professores, fluência dos alunos, falta de apoio institucional, burocracia, resistência dos professores e universidades e a falta da necessidade real e instantânea.
IMPACTOS E TENDÊNCIAS DA IMPLEMENTAÇÃO DO EMI	País ainda muito incipiente no EMI, mudança do sistema educacional, falta de investimento na educação linguística e conscientização dos professores e universidades.

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Os entrevistados salientam o quão importante é ter o inglês como segunda língua, tanto para ganhos pessoais como para acesso à informação. Pati (2017) explica que, via de regra, profissionais que dominam uma segunda língua possuem uma remuneração superior aos profissionais monolíngues, reforçando a importância do inglês também no mercado de trabalho. Ainda, os entrevistados entram em consenso sobre o EMI também poder ser trabalhado de uma forma gradativa dentro das aulas, a fim de que o inglês seja utilizado em partes específicas das matérias, assim como citado por e Valcke e Kremer (2014).

No que diz respeito às oportunidades do EMI, Doiz, Lasagabaster e Sierra (2011) explicam que os principais propósitos da adoção são elevar o perfil da instituição em rankings de internacionalização, melhorar a atratividade para alunos estrangeiros que queiram estudar no Brasil e auxiliar estudantes brasileiros que

queiram se preparar para oportunidades no exterior ou melhorar suas habilidades em inglês sem precisar sair do país.

Essa “internacionalização em casa” (Beelenn; Jones, 2015) também ajuda a melhorar a pedagogia dos docentes, como citam Martinez, Fogaça e Figueiredo (2015), já que proporciona uma prática reflexiva. Ainda, como citado no referencial teórico, a faixa de diversidade do país permite a implementação do EMI em diversos contextos sociais e culturais, o que contribui para impulsionar esse método de ensino dentro das universidades brasileiras.

Não obstante, como citado pelo *British Council* (2014), o EMI é um mecanismo para a internacionalização da oferta de educação nas universidades, assim como é uma forma acessível e efetiva para criar oportunidades para que os alunos façam parte de uma comunidade global tanto acadêmica quanto de negócios.

Quanto às dificuldades, os entrevistados entram em consenso que a falta de apoio tanto linguístico como de conteúdo é um grande desafio ao implementar o EMI nas salas de aula. Consoante a isso, Galloway, Kriukow e Numajiri (2017) explicam que é necessário o preparo aos professores para evitar a frequente recorrência ao português durante as aulas.

A falta de um bom nível de compreensão do inglês por parte dos alunos também é algo que precisa ser trabalhado de acordo com os professores. Macaro (2016) destaca que uma das grandes dificuldades que os alunos do EMI referem frequentemente é a compreensão e aprendizagem das palavras técnicas durante as aulas. Nesse sentido, seguindo com o embasamento de Macaro (2016) é importante que os ministrantes precisem estejam preparados para lidar com essas disparidades, a partir de uma pedagogia apropriada, como no planejamento e estruturação de suas aulas e falas.

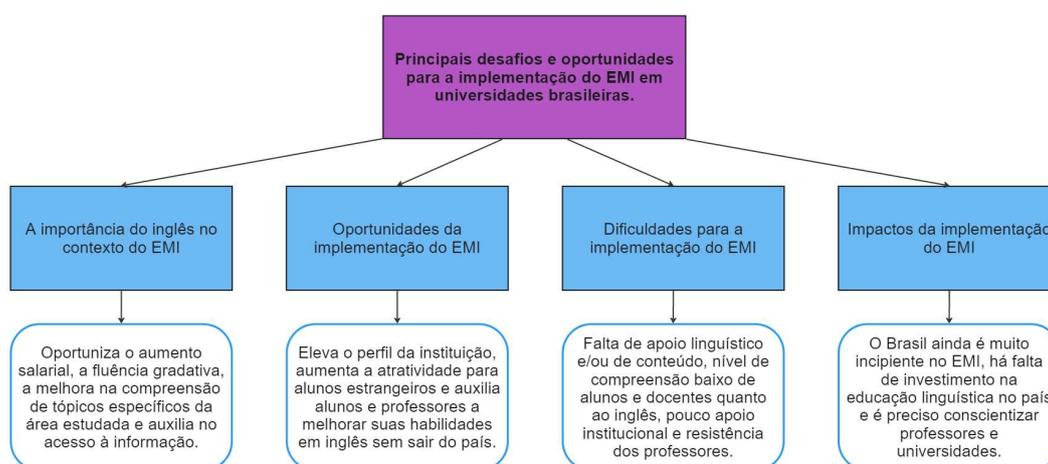
Além disso, os entrevistados trazem como uma grande dificuldade a falta de apoio institucional, bem como a resistência de professores e universidades. Vinke, Snippe e Jochems (1998) entendem que o recrutamento de docentes para o EMI pode ser uma tarefa difícil, mesmo em instituições onde há docentes disponíveis e linguisticamente capacitados, porque não significa que esses docentes estejam

dispostos a utilizar o EMI. Para Byun *et al.* (2011) isso pode ocorrer principalmente pela falta de incentivos financeiros ou até mesmo pela falta de autoconfiança.

Ainda, Soren (2013) sugere que o EMI, por vezes, influencia negativamente a identidade profissional dos professores. Isso ocorre porque ter de ensinar em inglês pode nunca ter feito parte de suas carreiras, o que reflete insegurança em um número de docentes de EMI que sentem a necessidade de ajustar a sua pedagogia, expressando muitas vezes um desejo de mais formação de professores ao invés de mais formação linguística (Aguilar, 2015; Helm e Guarda, 2015).

No que diz respeito à percepção dos entrevistados sobre as implicações e tendências futuras para o EMI no Brasil, observa-se insegurança principalmente sobre a estruturação atual do sistema de educação brasileiro, já que, segundo eles, ainda não há suficiente investimento na educação linguística, bem como falta a percepção de necessidade real e instantânea por parte das universidades para seguir com a adoção do EMI. Os entrevistados entendem que o EMI ainda é muito incipiente no país e que é preciso a conscientização dos gestores e professores das universidades, bem como a adesão de matérias em inglês na grade curricular para auxiliar não apenas os alunos, mas também como um diferencial para as instituições.

Figura 2 – Resumo dos resultados da pesquisa



Fonte: elaborado pela autora (2024).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluída a análise e discussão dos dados obtidos por meio das entrevistas e com base na literatura, buscou-se, com a realização desta pesquisa, analisar as principais oportunidades e desafios para a implementação do EMI nas universidades brasileiras. As entrevistas tiveram o intuito de reunir informações relevantes com base na experiência e conhecimento dos professores, gestores e pesquisadores selecionados, a fim de coletar dados importantes para esta pesquisa.

Por meio do primeiro objetivo específico, buscou-se analisar a percepção quanto a importância do inglês para a carreira dos alunos de ensino superior no Brasil. Identificou-se que conhecimento na língua inglesa abre muitas portas tanto para o mundo dos negócios como para ganhos financeiros, já que ter uma segunda língua é visto como um diferencial por muitas empresas.

A importância ainda se estende principalmente para a obtenção de informação, visto que há uma gama maior de artigos, estudos e publicações científicas na língua inglesa, possibilitando que os alunos exercitem tanto a compreensão da língua quanto explorem conteúdos específicos de suas áreas.

O segundo objetivo visou identificar as oportunidades que a aplicação do EMI proporciona para as universidades e futuros profissionais. Identificou-se que, para as universidades que anseiam entrar para o rol de instituições internacionalizadas, a implementação do EMI mostra-se como um grande diferencial e potencial atrativo para estudantes estrangeiros.

Além disso, a implementação é uma ótima maneira de capacitar tanto alunos como professores que buscam ampliar seus currículos e experiências, possibilitando também o contato com docentes, alunos e instituições internacionais que podem oferecer parcerias para intercâmbios e convênios no exterior.

Quanto ao terceiro objetivo, buscou-se verificar quais as principais dificuldades e/ou demandas para a adoção do EMI dentro das salas de aula. Como resultado, constatou-se que os professores precisam estar bem equipados e treinados para poder passar tanto o conteúdo como a explicação de uma forma em que os alunos tenham uma efetiva aprendizagem.

De mesma forma, é preciso ter cuidado com a "fossilização" da língua, para evitar que erros gramaticais sejam cometidos com frequência e sendo gravado pelos seus ouvintes. Nesse caso, é necessário uma boa preparação e apoio das universidades para amparar e capacitar os ministrantes.

Ainda, os entrevistados entendem que a implementação do EMI é mais facilitada em países onde há um maior número de estudantes estrangeiros. Eles explicam que um dos maiores desafios para a implementação no país acontece porque o Brasil é uma "ilha linguística" e as instituições privadas, que representam 88% das instituições do país, conforme os entrevistados não necessariamente dependem da vinda de alunos estrangeiros para se manterem sustentáveis.

Por fim, o quarto objetivo teve como proposta analisar os possíveis impactos que a implementação do EMI pode ter nas universidades. Acredita-se que o EMI, apesar de não ser novidade no Brasil, ainda é muito incipiente em termos de avanços nas instituições.

Ações pontuais, como cursos de curta duração ou palestras em outras línguas, acontecem com maior frequência, porém a implementação do EMI no currículo dos cursos ainda não é uma realidade para todas as universidades, já que dependendo da instituição ainda há pouca aderência, tanto dos alunos como dos docentes, além da falta de recursos e investimentos por parte da gestão.

Entretanto, foi possível identificar que, dentre os entrevistados, aqueles que atuavam para instituição privada mostraram-se mais otimistas com o futuro do EMI no país em comparação com as universidades públicas. Com cursos capacitadores para os professores, maior flexibilidade para gerir recursos e uma ótica mais voltada para internacionalização da instituição, a implementação do EMI pode vir como um diferencial para atrair tanto alunos estrangeiros como para brasileiros que queiram ter essa experiência em seus currículos.

As limitações observadas durante a realização desta pesquisa giram em torno da pouca quantidade de instituições de ensino superior brasileiras que tenham adotado o EMI como parte de seus currículos, o que dificultou a obtenção de dados a médio e longo prazo a respeito das oportunidades e desafios da implementação.

Ainda, devido ao pequeno número de amostragem, os resultados aqui apresentados não podem ser levados como sendo únicos e definitivos, já que retratam às percepções individuais e da experiência de cada um dos entrevistados.

Como sugestão para futuras pesquisas, seria oportuno aplicar entrevistas com uma gama maior de universidades federais e privadas, principalmente pela ótica de gestores das instituições para que, a partir disso, seja possível fazer um estudo comparativo entre ambas as percepções. Ademais, outros estudos poderiam ser conduzidos, procurando compreender a implantação do EMI em outros países, nos quais essa estratégia pedagógica já esteja bem desenvolvida, a fim de mapear boas práticas.

Não obstante, realizar um estudo com a mesma proposta, porém com uma abordagem quantitativa e sob o ponto de vista de alunos que já tiveram experiência com o EMI, possibilitaria um melhor entendimento sobre a eficácia da implementação, assim como outras posições sobre as oportunidades e desafios.

REFERÊNCIAS

AGUILAR, M. **Engineering lecturers' views on CLIL and EMI**. International Journal of Bilingual Education and Bilingualism. 2015. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/282006940_Engineering_lecturer's_views_on_CLIL_and_EMI>. Acesso em: 08 out. 2023.

BASTOS, Rogério Lustosa. **Ciências humanas e complexidades: projetos, métodos e técnicas de pesquisa**. O caos, a nova ciência. 2. ed. Rio de Janeiro: EPapers, 2009. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=cRMjRVUW4G0C&pg=PT75&dq=pesquisa+explorat%C3%B3ria&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwiGsWWxuTsAhV1HLkGHSDnAcQ6AEwA3oECAgQAQ#v=onepage&q=pesquisa%20explorat%C3%B3ria&f=false>>. Acesso em: 03 out. 2023.

BRADFORD, A. **Toward a Typology of Implementation Challenges Facing English-Medium Instruction in Higher Education: Evidence From Japan**. Journal of Studies in International Education, 2016. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/301887658_Toward_a_Typology_of_Implementation_Challenges_Facing_English-Medium_Instruction_in_Higher_Education_Evidence_From_Japan>. Acesso em: 07 out. 2023.

BRITISH COUNCIL. **Annual Report 2013–14**. Disponível em: <http://www.britishcouncil.org/sites/britishcouncil.uk2/files/d554_annual_report_final.pdf> – Acesso em 23/09/2023.

BRITISH COUNCIL. **English in Brazil: an examination of policy, perceptions and influencing factors**. 2015. Disponível em: <<https://ei.britishcouncil.org/sites/default/files/latinamerica-research/English%20in%20Brazil.pdf>>. Acesso em: 06 set. 2023.

BYUN, K. et al. **English-medium teaching in Korean higher education: Policy debates and reality**. Higher Education, v. 62, n. 4, p. 431-449, 2011. Disponível em: <<https://link.springer.com/article/10.1007/s10734-010-9397-4>>. Acesso em: 12 out. 2023.

CIRIBELLI, Marilda Corrêa. **Como elaborar uma dissertação de mestrado através da pesquisa científica**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=3haJdQ9KRLEC&pg=PA54&dq=pesquisa+explorat%C3%B3ria&hl=ptBR&sa=X&ved=2ahUKEwjz_7ra6M_sAhXYG7kGHQt0ARIQ6AEwAXoECAAAQAg#v=onepage&q=pesquisa%20explorat%C3%B3ria&f=false>. Acesso em: 25 out. 2020.

COGO, A. **English as a Lingua Franca: Descriptions, Domains and Applications**. In: BOWLES, H.; COGO, A. (Org.). International Perspectives on English as a Lingua Franca: Pedagogical Insights. London: Macmillan, 2015. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/304849540_English_as_a_Lingua_Franca_Descriptions_Domains_and_Applications>. Acesso em: 01 out. 2023.

DIEHL, Astor Antônio; TATIM, Denise Carvalho. **Pesquisa em Ciências Sociais Aplicadas: Métodos e Técnicas**. 1. ed. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2004. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rac/a/K75Z74t3hB5ZBFS4JXtHcdy/?lang=pt>>. Acesso em: 29 out. 2023.

FERNANDEZ, Brena Paula Magno; BERNI, Duilio de Avila. **Métodos e técnicas de pesquisa: modelando as ciências empresariais**. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2012. Disponível em: <<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788502173712/>>. Acesso em: 11 out. 2023.

FINARDI, K. R.; FRANÇA, C. **O inglês na internacionalização da produção científica brasileira: evidências da subárea de Linguagem e Linguística**. *Intersecções, Jundiaí*, v. 19, n. 2, p. 234-250, 2016

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila

GALLOWAY, N.; KRIUKOW, J.; NUMAJIRI, T. **Internationalisation, higher education and the growing demand for English: an investigation into the English medium of instruction (EMI) movement in China and Japan**. London: British Council, 2017

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2008. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo_C1_como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf>. Acesso em: 21 out. 2023.

GIMENEZ, T. et al. **Guide to English as a Medium of Instruction in Brazilian Higher Education Institutions 2018-2019**. São Paulo: British Council, 2018. Disponível em: <<https://faubai.org.br/britishcouncilfaubaiguide2018.pdf>>. Acesso em: 24 set. 2023.

GLOBAL ENGLISH. **GlobalEnglish releases Business English Index, reveals widening gap in English proficiency across industries**. Disponível em: <<https://learningnews.com/news/globalenglish/2013/globalenglish-releases-business-english-index-reveals-widening-gap-in-english-proficiency-across-ind>>. Acesso em: 06 set. 2023.

HELLEKJÆR, G. O. **Lecture comprehension in English-medium higher education**. *Hermes—Journal of Language and Communication Studies*, v. 45, p. 11-34, 2010. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/320631790_Lecture_Comprehension_in_English-Medium_Higher_Education>. Acesso em: 07 out. 2023.

HELM, F.; GUARDA, M. **"Improvisation is not allowed in a second language": A survey of Italian lecturers' concerns about teaching their subjects through English**. *Language Learning in Higher Education*, v. 5, n. 2, p. 353-373, 2015. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/278404855_Improvisation_is_not_allowed_in_a_second_language_A_survey_of_Italian_lecturers'_concerns_about_teaching_their_subjects_through_English>. Acesso em: 08 out. 2023.

HUANG, D. F. **Exploring and assessing effectiveness of English medium instruction courses: The students' perspectives.** *Procedia-Social and Behavioral Sciences*, v. 173, p. 71-78, 2015. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/276086659_Exploring_and_Assessing_Effectiveness_of_English_Medium_Instruction_Courses_The_Students'_Perspectives>. Acesso em: 25 set. 2023.

HULTGREN, Anna et al. **Assessment and English as a Medium of Instruction: Challenges and Opportunities.** *Journal of English-Medium Instruction*, v. 1, p. 105-123, 2022. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/358024544_Assessment_and_English_as_a_medium_of_instruction_Challenges_and_opportunities>. Acesso em: 17 set. 2023.

LOPES, Rodrigo Smaha; BAUMGARTNER, Carmen Teresinha. **Inglês como língua franca: explicações e implicações.** *Educação & Sociedade*, v. 40, n. 2, 2019. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/esp/article/view/37053/30663>>. Acesso em: 03 de out. 2023.

KIM, J.; TATAR, B.; CHOI, J. **Emerging culture of English-medium instruction in Korea: experiences of Korean and international students.** *Language and Intercultural Communication*, v. 14, n. 4, p. 441-459, 2014. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/278173302_Emerging_culture_of_English-medium_instruction_in_Korea_experiences_of_Korean_and_international_students>. Acesso em: 03 nov. 2023.

KNIGHT, Jane. **The International University: Models and Muddles.** In: BARNETT, Ronald; PETERS, Michael A. (Eds). *The Idea of the University: Contemporary Perspectives.* Global Studies in Education. New York, Brussel: Peter Lang, 2018. p. 99-118. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/350671286_The_international_university_models_and_muddles>. Acesso em: 22 set. 2023.

Kremer, M., & Valcke, M. (2014). **Teaching and learning in English in higher education: A literature review.** *EDULEARN14 Proceedings*, 1430-1441. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1854/LU-5818549>. Acesso em: 26 ago. 2024.

MACEDO, Neusa. **Iniciação à pesquisa bibliográfica.** Edições Loyola, 1995. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=2z0A3cc6oUEC&lpg=PA7&ots=SD6qamCuDK&dq=metodologia%20cient%3%ADfca%20pesquisa%20bibliogr%3%A1fica&lr&hl=pt-BR&pg=PA13#v=onepage&q=metodologia%20cient%3%ADfca%20pesquisa%20bibliogr%3%A1fica&f=false>>. Acesso em 08 nov.2023

MARTINEZ, Ron. **English as Medium of Instruction (EMI) in Brazilian Higher Education: Challenges and Opportunities.** Londrina: Eduel, 2016. p. 191-228. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/318487508_English_as_Medium_of_Instruction_EMI_in_Brazilian_Higher_Education_Challenges_and_Opportunities>. Acesso em: 18 set. 2023.

MASCARENHAS, Sidnei Augusto. **Metodologia Científica**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2012. Disponível em: <<https://www.bvirtual.com.br/NossoAcervo/Publicacao/183213>>. Acesso em: 05 nov. 2023.

MERRIAM, S. B. **Qualitative Research and Case Study Applications in Education**. 1. ed. San Francisco: Jossey-Bass, 1988.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade. Petrópolis: Vozes, 2001**. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2012/11/pesquisa-social.pdf>>. Acesso em: 04 nov. 2023.

MOLINO, A.; CAMPAGNA, S. **English-mediated instruction in Italian universities: Conflicting views**. Sociolinguistica, n. 28, p. 155-171, 2014. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/269334923_English-Mediated_Instruction_in_Italian_Universities_Conflicting_Views>. Acesso em: 03 de out. 2023.

MORAES, Roque. **Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva**. Revista Ciência & Educação, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ciedu/a/SJKF5m97DHYkhL5pM5tXz dj/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 11 out. 2023.

MOZZATO, Anelise Rebelato; GRZYBOVSKI, Denize. **Análise de Conteúdo como Técnica de Análise de Dados Qualitativos no Campo da Administração: Potencial e Desafios**. RAC - Revista de Administração Contemporânea, Curitiba, v. 15, n. 4, pp. 731-747, jul./ago. 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rac/a/YDnWhSkP3tzfXdb9YRLCPjn/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 15 de nov. 2023.

NEVES, C. E. B.; BARBOSA, M. L. de O. **Internationalization of higher education in Brazil: advances, obstacles, and challenges**. Sociologias, v. 22, n. 54, p. 144–175, 2020. DOI: [10.1590/15174522-99656]. Acesso em: 22 set. 2023.

PARADOWSKI, Michał B. **Understanding English as a Lingua Franca: A Complete Introduction to the Theoretical Nature and Practical Implications of English used as a Lingua Franca**. In: SEIDLHOFER, Barbara. The Interpreter and Translator Trainer, v. 7, n. 2, p. 312–320, 2013. [Special Issue: English as a Lingua Franca. Implications for Translator and Interpreter Education]. Disponível em: <https://www.academia.edu/3318842/Barbara_Seidlhofer_Understanding_English_as_a_Lingua_Franca_A_Complete_Introduction_to_the_Theoretical_Nature_and_Practical_Implications_of_English_used_as_a_Lingua_Franca_Review_article_>. Acesso em: 01 out. 2023.

PATI, C. Falar inglês aumenta o seu salário e esta pesquisa mostra o quanto. **Revista Exame**, 2017. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/carreira/falar-inglesaumenta-seu-salario-e-esta-pesquisa-mostra-o-quanto/>>. Acesso em: 27 out. 2023.

SAMPIERI, Roberto. H.; COLLADO, Carlos. F.; LUCIO, María del Pilar B. **Metodologia de Pesquisa**. São Paulo: Grupo A, 2013.

SOREN, J. K. **Teacher Identity in English-Medium Instruction: Teacher Cognitions from a Danish Tertiary Education Context**. Dissertação de Doutorado, University of Copenhagen. Faculty of Humanities, 2013. Disponível em: <<https://theses.hal.science/tel-00863816/document>>. Acesso em: 12 out. 2023.

TSUNEYOSHI, R. **Internationalization strategies in Japan: The dilemmas and possibilities of study abroad programs using English**. Journal of Research in International Education, v. 4, p. 65-86, 2005. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/240691535_Internationalization_strategies_in_Japan>. Acesso em: 27 out.2023.

VINKE, A. A.; SNIPPE, J.; JOCHEMS, W. **English-medium Content Courses in Non-English Higher Education: a study of lecturer experiences and teaching behaviors**. Teaching in Higher Education, v. 3, n. 3, p. 383-394, 1998. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/233459718_English_Medium_Content_Courses_in_Non_English_Higher_Education_a_study_of_lecturer_experiences_and_teaching_behaviours>. Acesso em: 06 de out. 2023.

WÄCHTER, B. **Teaching in English on the rise in European higher education**. International Higher Education, n. 52, 2008. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/313408150_Teaching_in_English_on_the_Rise_in_European_Higher_Education>. Acesso em: 27 set.2023.

WÄCHTER, B.; MAIWORM, F. **English-taught programmes in European higher education: The state of play in 2014**. Lemmens Medien GmbH, 2014. Disponível em: <https://www.lemmens.de/dateien/medien/buecher-ebooks/aca/2014_english_taught.pdf>. Acesso em: 29 set.2023.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
Curso de Comércio Internacional – Bento Gonçalves

Meu nome é Júlia, sou estudante de Comércio Internacional na Universidade de Caxias do Sul. Estou fazendo a coleta de dados para o meu Trabalho de Conclusão de Curso. Essa pesquisa tem como objetivo identificar e analisar os principais desafios e oportunidades para a implementação do EMI em universidades brasileiras. As informações coletadas são restritas à finalidade acadêmica de conclusão do TCC.

1. Qual a sua experiência em relação ao tema *English As a Medium of Instruction* (EMI)?
2. Na sua percepção, qual a importância da língua inglesa para a carreira dos alunos de ensino superior no Brasil? De que forma o EMI contribui?
3. Na sua visão, quais as oportunidades que a aplicação do EMI poderia proporcionar para as universidades e futuros profissionais?
4. Qual a sua opinião sobre a inserção do EMI nas Universidades brasileiras, caso você possua alguma informação ou percepção sobre isso?
5. Na sua visão, qual o papel do EMI para a internacionalização do ensino superior?
6. Quais são as dificuldades e/ou demandas para adotar o EMI dentro das salas de aula na sua visão?
7. Numa perspectiva nacional, que desafios ou dificuldades você acredita que sejam barreiras à adoção do EMI em Universidades?
8. Na sua opinião, quais as tendências futuras para o EMI no Brasil e, caso queira comentar, também internacionalmente?
9. Por fim, há mais algum impacto ou desdobramento da implementação do EMI nas Universidades brasileiras que você gostaria de mencionar?